

33

Ministério da Cultura, Fundação Bienal e Itaú apresentam 33ª Bienal de São Paulo – *Afinidades afetivas*

Aos nossos pais **Alejandro Cesarco**

Aos nossos pais é uma dedicatória, uma oferenda, uma forma de tratamento, uma definição de público. É o reconhecimento do passado, e de sua contínua presença no presente. Dedicar a exposição a uma relação primordial (biológica ou adotiva, literal ou metafórica) é um modo de construir uma genealogia e de tentar se aproximar do cerne de nossos entendimentos, métodos, inibições, possibilidades, expectativas etc.

Algumas das perguntas postas pela exposição são como o passado (nossa história) ao mesmo tempo permite e frustra possibilidades, como reescrevemos o passado com nosso trabalho e como a diferença é produzida na repetição. De modo geral, a exposição chama a atenção para as estruturas que permitem certas narrativas e silenciam outras.

O trabalho de ressignificar e repetir ao rerepresentar, reajustar e reafirmar é abordado de diversas maneiras pelos artistas de diferentes gerações incluídos na exposição. O impulso de deslocar ou recontextualizar implica certas investigações sobre as políticas cultural e estética. Uma rosa é uma rosa, até que deixa de ser. [AC]

sentido/comum **Antonio Ballester Moreno**

Somos todos diferentes. Cada um vê o mundo de uma forma distinta.

Cada vez que nos movemos, o fazemos com nosso mundo. O que nos rodeia a cada momento é parte de um universo particular que se move conosco. O ambiente faz o mundo.

Dito isso, e consciente da infinidade de linguagens que se apresentam no também particular mundo da arte, tratamos aqui daquilo que nos une, uma experiência comum em que compartilhamos os costumes mais básicos de nossa própria natureza e da natureza que nos rodeia, e da qual inevitavelmente somos parte.

33

Recuperar a continuidade entre a experiência estética e os processos naturais da vida para dissolver o pensamento dualista – a arte culta versus a popular, o estético em contraste com o prático, o artista em oposição às pessoas supostamente “normais” – implica em aceitar a separação entre as coisas e as pessoas, os pensamentos e os sentimentos, a humanidade e a natureza, o eu e o mundo.

Todas as vidas, sem exceção, são criativas, e o fim de toda criação não é a verdade pura do conhecimento em si, mas simplesmente melhorar a existência.

Porque ver as coisas unidas, em sua infinita diversidade, é mais enriquecedor e satisfatório. [ABM]

O pássaro lento **Claudia Fontes**

O Pavilhão Ciccillo Matarazzo é um ponto de encontro de vida humana e não humana, cada uma com sua temporalidade e seus modos, quase opostos, de estar no mundo. Essa exposição toma essa polaridade como premissa e propõe a imagem do pássaro lento como um antídoto ao ideal de velocidade que o edifício representa, com a ambição de gerar condições de observação que atraiam e retenham a leitura atenta do visitante. *O pássaro lento* não funciona em nossa exposição como um tema ou ideia a ilustrar, e sim como uma figura ambígua oferecida como território comum a partir do qual os artistas convidados iniciaram processos criativos únicos e diversos entre si. Acompanha as obras um conto policial no qual se desvelam aspectos do voo curatorial do pássaro lento: considerar o espectador como leitor, o curador como tradutor, o fato artístico como evidência de um enigma, e a certeza de que esse enigma tem tantas possibilidades de resolução quanto leitores. [CF]

Stargazer II **Mamma Andersson**

A arte é uma linguagem visual. Pode ser encontrada em um museu, uma igreja de pedra do século 13, uma revista de histórias em quadrinhos, ou em um filme de 1912 estrelado por baratas.

A arte pode ser educativa, criada segundo regras, ou aprendida de forma independente. Seja como for, é absolutamente essencial para a vida.

33

Interessam-me sobretudo os artistas solitários, que encontram sua voz em uma expressão única e própria. Esses artistas são, muitas vezes, marginais natos, embora alguns tenham se tornado marginais com o tempo.

Os artistas que apresento aqui são todos diferentes uns dos outros, ainda que, para mim, estejam todos conectados. Todos foram cruciais para o meu próprio processo criativo, em diferentes etapas da minha vida.

O foco principal é a pintura, uma vez que sou pintora. Mas, se me sinto tocada por uma obra de arte, não importa se é peça sonora, filme, fotografia, escultura ou desenho.

As obras de minha autoria que incluí na exposição foram feitas nos últimos oito anos. Eu as escolhi pensando nas outras obras expostas aqui, por sentir que conversam com elas. [MA]

A infinita história das coisas ou o fim da tragédia do um **Sofia Borges**

O fogo o fogo o lindo fogo. O branco o puro branco.

O fulguroso intacto diferente incontornável.

O infinito do tudo era um só. A junção do sentido era um círculo. O vazio do vazio era inteiro. A porta do fim não fechava. E no aberto não cabia mesmo o um. Porque o vão entre o tudo era um ovo. A luz que emitia era um vaso. E o ausente que havia era um só. A verdade não continha o presente. O passado um uníssono sim. O equívoco era uma espécie de antigo. A floresta era uma forma de medo. E a palavra só sabia o maior. O dourado não era sequer existente, já que sabia, a si mesmo, ser sem fim. Onde tudo cabia sem forma. O lugar do sem fim era um só. O círculo era sempre uma reta. E a volta era só o início. Cada coisa que havia era o tudo. E a verdade sequer sabia seu som. Assim, tudo podia mudar. Era um fogo brilhante.

Ali no meio das coisas onde o inverso persiste. No meio das coisas onde o inverso persiste.

Nunca se encontra.

O tênue rasgo do real.

33

É um em si, não por opacidade. [SB]

Os aparecimentos

Waltercio Caldas

Não preciso da operação curatorial se posso exercer três atividades correlatas: a do artista que realiza uma obra, a do artista que tem preferências, e a de um terceiro que pensa a relação entre os dois anteriores. Assim, posso tratar as questões como gostaria, sem torná-las discursivas, colocando sob suspeita as justificativas e teorias estéticas. Apresento minhas escolhas como uma composição musical, evitando quaisquer conceitos ou excessos que tentem minimizar a experiência com as obras. A música resultante seria a forma explícita da relação entre o espectador e o que ele tem diante de si. É sempre bom lembrar que as verdadeiras obras de arte ignoram qualquer discurso que as desvirtue, e são suficientemente eloquentes para desautorizar interpretações oportunistas. Substituindo a ideia de demonstração pela de apresentação, pretendo tornar claro o que acontece ali, na diversidade das obras selecionadas; e reconheço neste confronto algo mais importante do que uma suposta autoridade curatorial sobre elas. Essa autonomia, essa linguagem própria das obras, beneficia a experiência, pois agora cabe somente aos trabalhos falar do desconhecido que os justifica. Partindo do princípio de que existem riscos bem-humorados, acredito que a arte pode melhorar a qualidade do desconhecido. E nos resta a questão: como alterar as regras em benefício do que ainda não sabemos? [WC]

sempre, nunca

Wura-Natasha Ogunji

ruby onyinyechi amanze, Nicole Vlado, Youmna Chlala, Lhola Amira, Mame-Diarra Niang e Wura-Natasha Ogunji apresentam novos trabalhos que exploram o espaço e o lugar em relação ao corpo, à história e à arquitetura. Suas investigações criativas abrangem do íntimo (corpo, memória, gesto) ao épico (história, país, cosmos). Desenvolvidos em um diálogo aberto entre artistas, seus projetos individuais e práticas entrecruzam ideias e questões sobre coragem, liberdade e experimentação, aspectos centrais do processo artístico. Em suas práticas criativas, elas aceitam e exploram o desconhecido: a fissura, a falha, o nó, a costura, a espinha, a fresta, a dobra, a aparência, o não território. amanze cria desenhos em papel que se dobram, suspendem e avançam no espaço. Vlado, artista e arquiteta, concentra-se em captar as superfícies dos corpos, os entornos construídos, e os espaços entre eles. As *Appearances* [Aparições] de Amira invocam o passado e o futuro. Chlala considera a espinha uma representação da conexão entre consciência e memória. As videoinstalações de Niang constituem ao mesmo tempo territórios

33

novos e não territórios. Os desenhos de Ogunji, bordados dos dois lados da folha, revelam uma beleza misteriosa em seu avesso. São essas fissuras que se tornam terreno fértil para experimentações e um profundo respeito por tudo o que elas não conhecem. [WNO]

33ª Bienal de São Paulo – *Afinidades afetivas*

de 7 de setembro a 9 de dezembro de 2018

ter, qua, sex, dom e feriados: 9h - 19h (entrada até 18h)

qui, sáb: 9h - 22h (entrada até 21h)

fechado às segundas / **entrada gratuita**

Pavilhão Ciccillo Matarazzo, Parque Ibirapuera

bienal.org.br

